

PERCEBER OU NÃO PERCEBER EIS A QUESTÃO: CONSTRUÇÃO DE UM VÍDEO MOSAICO DE IMAGENS DE NATUREZA

João Paulo dos Santos Silva¹
Alessandra Alexandre Freixo²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo abordar as experiências vivenciadas em um componente curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana. O trabalho analisa o contexto das experiências de natureza, onde se discute a fundamentação histórica, social e filosófica destas, retratando suas influências na práxis humana e, em uma escala mais ampla, na cultura. As relações homem-natureza são expressas através das percepções, e a imagem, sendo um vetor de ideias, é utilizada para evidenciar as experiências dos estudantes. O resultado é um registro diversificado, multipolarizado e rico em significados e percepções sócio-culturais, que não dão somente um significado ao que seja a Natureza, mas formam um Mosaico de Naturezas.

Palavras-chave: Imagem de Natureza; Vídeo-Mosaico; Percepção; Representação.

Introdução

A humanidade passa por grandes transformações. Concebemos conhecimentos e histórias e ao longo dessas, nas quais as concepções de Natureza moldaram um contexto de características sociais, culturais, tecnológicas e até econômicas de cada época.

A percepção social transcendeu a cada período com uma forma mais crítica de observar o mundo ao seu redor e desde os primeiros desenhos nas paredes das cavernas até os quadros pitorescos modernos, muito dos valores humanos e intelectuais foram expressos. A maneira como a natureza é interpretada também muda e diversifica-se; e isso é um sinal de que somos objeto e observador de nós mesmos e do mundo, e construímos relações ideológicas através desta interação, para que então se (re)formem opiniões, hábitos, necessidades, simbologia e cultura, em um ciclo vivo e muito importante para a manutenção das identidades sociais.

¹ Graduando em Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana
. E-mail: jota.biologia.uefs@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Educação da UEFS. E-mail: alessandrafreixo@yahoo.com.br



Um símbolo é um repertório de significados (YI-FU, 1980). A imagem é uma grande forma de representação simbólica, pois seja através de um desenho, pintura ou fotografia, o objeto em questão adquire significados diversos e com um toque de subjetividade, varia de um observador a outro. A imagem traz em si muito do ideal de quem está por trás da criação, e certamente a percepção de tal ultrapassa a estética, envolvendo em si recordação, surpresa, família, o Criador, o verde e não-verde, o antropomorfismo, etologia, a busca pelo selvagem, o sentimento afetivo por um lugar entre outros tantos. Todas essas concepções/percepções de natureza conflitam-se constantemente com visões de mundo, instigando o sujeito a ações diversas e a curiosidade em conhecer o outro e respeitá-lo, sabendo que todas as visões nada mais são do que formas de interpretar a Natureza e representam muito das atitudes e experiências pessoais. O que se busca neste trabalho, não é definir uma Imagem de Natureza perfeita ou correta, e sim refletir as várias formas de ver e de ser da natureza, expressas nas narrativas e imagens apresentadas por estudantes do curso de Ciências Biológicas da UEFS.

Enfim, o que se busca é ampliar a noção de natureza que comumente de reproduz entre os futuros biólogos, por vezes relacionada aos ciclos vitais, introduzindo para tanto a noção de mosaico de natureza (MEDEIROS, 2002). Para tanto, discorreremos, na primeira parte do texto, sobre os principais referenciais que nortearam nosso olhar sobre as imagens produzidas pelos estudantes. Em seguida, apresentamos os caminhos trilhados para a construção do mosaico de imagens pelos estudantes, para então traçarmos nossas primeiras impressões sobre as imagens produzidas, na tentativa de se ampliar o debate sobre os sentidos de natureza produzidos entre os estudantes, fundamentais, a nosso ver, para a formação profissional dos biólogos, sejam estes licenciados ou bacharéis.

Perceber ou não perceber, eis a questão

Partindo da ideia de Tuan (1980) de que a percepção é tanto uma resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, podemos acrescentar como consequência que através desse registro a humanidade apresenta uma capacidade intrínseca em interpretá-los e utilizá-los a seu entender. Para perceber utilizamos o olfato, paladar, audição, tato e visão, sendo que na nossa espécie a visão adquiriu papel fundamental para captar os

acontecimentos a nossa volta. Caso é esse que, principalmente na cultura ocidental, valoriza-se muito a visão, fato é que vemos para crer. É preponderante destacar o papel que este sentido adquiriu ao longo de nossa evolução e das outras espécies. Ao vermos objetos, os classificamos de acordo com a nossa visão de mundo, e assim por diante.

Porém, é relevante destacar a contribuição dos outros sentidos para percebemos o ambiente. Para os humanos o olfato não é necessariamente tão importante quanto para um lobo ou cobra, mas muitas das coisas que recordamos ou atribuímos analogias são possíveis através do cheiro que elas emitem. O que diga então escutar os pássaros, um rugido ou latido. Os sons contribuem de forma fantástica para distinguir não só o ser a nossa volta, o perigo eminente ou atração de parceiro(a) para acasalamento, mas definem culturas e contribuem para a formação de uma identidade nacional. O que dizer então do paladar, proporcionou ao homem a fala e permitiu então a comunicação linguística com o próximo, além de permitir sentir sabores variados e distinguir o que lhe é aprazível e o que não é. O tato permite a comunicação e o toque e através dele desenvolvemos um dos maiores, quiçá o maior, bem que a humanidade poderia criar, a escrita, tão importante que marcou o fim da pré-história. Fato é que todos os sentidos, sem superior ou inferior grau, contribuem de forma fundamental para perceber a natureza, e utilizamos da razão para interpretá-la ao nosso modo. Nossas respostas ao meio ambiente são, portanto, determinadas não tanto pelo efeito de estímulos externos sobre o nosso sistema biológico, mas, antes, por nossa experiência passada, nossas expectativas, nossos propósitos e a interpretação simbólica individual de nossa experiência perceptiva. (CAPRA, 1998, p. 289)

Queira ou não, todos nós percebemos, de uma forma ou de outra, o mundo ao nosso redor, e utilizamos dessa dádiva das mais variadas formas possíveis. Todas elas, no entanto, são imprescindíveis para a manutenção da vida, da busca pelo desconhecido e do desbravamento do universo. Em todas as formas de sentir apreciamos a maravilha da natureza, tão importante e necessária para a nossa existência.

Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, aliado ao viés reflexivo da metodologia da pesquisa-ação participante (BARBIER, 1985). Desenvolvida em sala de aula, a pesquisa foi conduzida durante um ano, envolvendo estudantes do primeiro semestre, da

disciplina Imagens da Natureza no Ensino de Ciências, integrante do currículo do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Foi proposto um espaço durante o semestre para que os estudantes apresentassem suas Imagens de Natureza, sejam elas através de um desenho, um vídeo, ou uma fotografia. A imagem transformou-se em fonte de informação (ULPIANO, 2003). O critério aplicado foi que apresentassem imagens de autoria própria. Foram realizadas observações das apresentações imagéticas, para identificar e compreender os diferentes significados e representações de natureza, enfim, o estudo da imagem (ULPIANO, 2003). Através do levantamento bibliográfico, tentou-se compreender as representações apresentadas pelos estudantes, e entender seu papel na formação de futuros licenciados e bacharéis em ciências biológicas e até que ponto as imagens podem contribuir para uma crítica em relação aos assuntos vigentes em nossa sociedade (ANDRADE, 2002).

Para dar subsídio a esta pesquisa, foram realizadas gravações de áudio e vídeo para registro documental e socialização, objetivando assim a congregação de narrativas em mosaico (MEDEIROS, 2002). Este mosaico compõe toda a diversidade de imagens produzidas pelos estudantes durante a pesquisa-ação participante, permitindo a integração da turma no “jogo” em que ao mesmo tempo foram objeto e observador. Vale lembrar que todas as imagens registradas em áudio e vídeo foram devidamente autorizadas pelos estudantes, mediante assinatura de termos de autorização de uso de imagem.

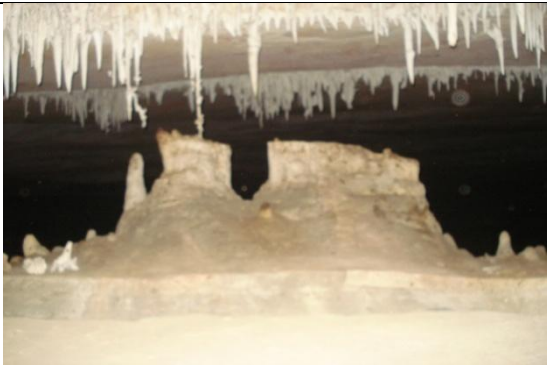
Assim, os estudantes, em sua “arte de dizer” (DEVOS, 2005), foram estimulados a produzir uma narrativa coletiva sobre a Natureza, que certamente os possibilitará uma reflexão sobre os sentidos de Natureza que se constroem e/ou se reproduzem no contexto da contemporaneidade, reflexão esta fundamental para sua formação profissional. A essas formas de conceber e perceber é que refletiremos daqui pra frente.

Um olhar sobre os mosaicos de naturezas produzidos pelos estudantes: percepções entre o verde da floresta, o azul do mar, e a contemplação do universo

No caminho de produção do mosaico de imagens entre os estudantes, percebeu-se uma variada amplitude de imagens e narrativas, que ultrapassam a corrente noção de “natureza verde”, atrelada geralmente a um mito da natureza intocada (DIEGUES, 2001), característica do avanço dos movimentos ecológicos, e com raízes na histórica

cisão *physis-nomos*, iniciada pelos gregos (MEDEIROS, 2002). Apesar desta imagem de natureza ainda ser presente entre os estudantes, um olhar mais minucioso sobre as imagens produzidas nos permite ampliar tais percepções, abarcando inúmeras outras nesse mosaico de imagens. Dentre estas imagens, destacamos as seguintes, que compõem os dois vídeos-mosaicos produzidos.

1. *Natureza não é só verde*

	<p><i>“Eu escolhi essa foto porque eu queria quebrar essa onda de natureza verde. O que mais me impressiona é que não tem nada lá em cima, no morro do Pai Inácio, e é como a natureza dentro da caverna tivesse imitando a natureza lá fora!”</i></p> <p>Ana³. 17 anos. Turma 2010.1.</p>
---	---

A tendência de caracterizar a natureza como verde é relevante devido às vinculações, propositais, ou não, apresentadas pelas mídias de massa, além da nossa capacidade aguçada para generalizações e comparações. No Brasil é singular, principalmente por termos uma grande representante de natureza, a floresta Amazônica e a simbologia da riqueza das matas brasileiras representada em nossa bandeira.

A cor verde representa significados diversos, como harmonia e a tranquilidade, mas nenhum deles se torna tão forte quanto aquele que representa as matas, florestas, meio ambiente, enfim, a natureza. Porém, esta onda verde se quebra no momento em que vislumbramos outros ambientes e elementos que a integram, remetendo em si outras generalizações simbólicas que as cores exercem sobre o ambiente. Esta tendência tem adquirido características diferentes ao longo do tempo, dependendo principalmente das experiências e do ambiente em que este se insere.

Podemos tomar como exemplo as experiências de vida dos habitantes de regiões semiáridas apresentam tonalidades diferentes, principalmente quando se leva em conta o período de seca típicas dessas regiões. A caatinga é o meio ambiente onde estas pessoas convivem e dele tiram seu sustento. Remeter a Caatinga a um local ríspido e morto é até fácil para aquelas pessoas acostumada com a abundância de verde, mas para quem convive com a natureza “cinza” ou “amarela” a realidade é outra.

³ Os nomes em itálico são fictícios, para proteger a identidade da estudante.

Desde o começo dessa disciplina tem se falado muito da natureza relacionada ao verde. E como em oito meses, nove meses, a caatinga é bem seca mesmo, cinza, e a gente passa muito tempo com essa imagem da natureza. (Lucas. 19 anos. Turma 2010.1)

Outro exemplo muito presente em várias formas de percepção é a tonalidade azul, característica de ambientes aquáticos e do céu, remetendo este último uma relação com o misticismo. As apresentações trazem a tona algo além da percepção geral, no caso, o verde, do que a natureza represente, e isto é fundamental para que se construa uma percepção de diversidade e o que realmente o meio ambiente possa representar na humanidade, influenciando não só na preservação do verde, mas de todo o ecossistema, de cores, odores e sabores diversos e de mesma importância para a manutenção do planeta.

2. A Natureza pode estar aonde você menos espera.



Eu pensei em usar essa imagem pela quantidade e pela riqueza de elementos que tem nela. Isso é uma planta pequeninha e tem uma teiazinha de aranha nela com várias gotas de orvalho. Isso é pra gente perceber que as vezes existem micromundos nesse ambiente todo que a gente vê!

George. 20 anos. Turma 2010.2.

As escalas de percepção humana variam de sujeito a sujeito. Segundo Bergson

Nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas (Apud DELEUZE, 1990, p. 31).

Partindo desta afirmação, as experiências possibilitaram aos estudantes questionarem-se sobre o sentido total da Imagem de Natureza apresentada. A narrativa permitiu adentrar nos “micro mundos” da Natureza, aguçando as escalas de percepção. Nestas apresentações a narrativa dos detalhes da natureza instigou o público a ultrapassar os limites do interesse em perceber o ambiente. Evidenciou-se a importância

dos pequenos seres da natureza em seu papel ecológico fundamental para a vitalidade do ecossistema, além de apresentarem beleza e merecimento de admiração.

3. *A Natureza é o meu lugar*

O homem sempre utilizou a natureza de acordo com as suas necessidades e anseios. Nos primórdios, estes eram seres totalmente integrados e dependentes da Natureza, onde esta estava intimamente ligada as suas ações diárias.



Eu escolhi essa imagem porque é uma tradição muito comum e bonita lá em minha cidade. Eu achei interessante porque envolve fenômenos dentro da natureza, como vocês veem ali a Serra do Cruzeiro, na minha cidade, Jacobina. Mário. 20 anos. Turma 2010.1.

Com o advento das cidades, a tendência de afastamento da Natureza tornou-se forte e crescente, principalmente por uma estabilidade de vida e segurança, além da analogia de que o morador do campo era rude e rústico. A tecnologia facilitou então que o homem criasse a sua própria “natureza”, contraposta àquela que por muito se tinha como casa. A urbanização permitiu uma crescente busca pela sonhada civilização e a prosperidade intelectual prometida, sendo a cidade o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação (THOMAS, 1989, p. 290).

Porém, com o *boom* populacional e as indústrias, potentes poluidoras do ambiente, estes centros tornaram-se inconvenientes, conturbados e não saudáveis. A retomada pela vida simplista, rural e próxima da Natureza, custou a ser considerada apropriada de pessoas civilizadas, mas ganhou adeptos, intensificou-se, difundiu-se e atualmente é uma característica forte e até lucrativa. A contradição entre o campo e a natureza é marcante nos discursos apresentados, e apesar de todo o desenvolvimento que o meio rural apresenta, ainda é referência de proximidade com a Natureza e é onde muitos reencontram sua essência familiar, adquirem experiências e se identificam com o lugar.



A minha ideia para trazer essa imagem é que eu queria tirar uma foto que conseguisse unir uma paisagem urbana com a rural de Igará. Para mim, remete à ideia de natureza, porque consegue unir os contextos, tanto de cidade, quanto de interior, tanto humana, quanto a árvore.
Karlla. 18 anos. Turma 2010.1.

4. Os bichos são natureza



Minha visão de natureza: minha gata de estimação, infelizmente, ou felizmente, no dia de outubro do ano passado, ela ia completar 10 anos, dois dias antes ela morreu.

Thaiane. 18 anos. Turma 2010.1.

Desde os primórdios o homem usufruiu dos animais para diversas atividades. Com o surgimento das cidades, a situação não deixou de ser diferente. Nas ruas dos centros urbanos europeus era comum conviver com porcos, cachorros, gatos e ratos, além dos animais que eram utilizados para tração, como os equinos. A utilidade, sem sombra de dúvida, aproximava ainda mais os animais dos homens.

Vivendo em tal proximidade, esses animais eram muitas vezes considerados como indivíduos e cada vez mais ganhavam um papel crucial para a humanidade, sendo estes espelhos da Natureza, mostrando assim uma retomada pelo ambiente primordial humano sem afastamento das cidades. As associações de características sociais eram comuns, principalmente para refletir que a Natureza, através dos animais, possuía uma hierarquia que tinha ligação direta com a humanidade. Esta analogia, por muito perdurou e influenciou teóricos como Bacon e Charles Darwin, além de ter apresentado vestígios na Segunda Guerra Mundial.


Outra tendência foi a humanização dos bichos, além da integração sentimental entre ambos, criando assim um laço afetivo que ganhou adeptos e caracterizou-se assim com a domesticação dos animais, fenômeno crescente através dos tempos e visivelmente marcante com o advento dos grandes centros urbanos. Além de um “retrato de natureza em casa”, os animais proporcionavam companhia aos solitários, alívio aos fatigados e compensação aos que não tinham filhos (THOMAS, 1989). Esta

valorização dos animais perdurou, e atualmente a tendência em ter um animal em casa faz parte da nossa realidade moderna. As narrativas das Imagens de Natureza contemplaram a ideia de que os bichos permitem uma proximidade maior entre o homem e a Natureza. É evidente o papel que o nome agrega a um animal, sendo este uma forma de integrá-lo a família.

Dentre as Imagens de Natureza, destacaram-se gatos e cachorros, os animais domésticos mais convencionais dos centros urbanos, porém outros receberam atenção como cavalos, jabutis e até abelhas. Com a urbanização crescente e a individualidade tendenciosa do homem, comum será ter animais como companheiros, amigos, filhos, ou até irmãos. Em todas as apresentações uma coisa é comum, os animais sempre foram e sempre serão parceiros do homem.

5. A Natureza abraça o mar, o Sol, o Universo

A Origem das coisas sempre foi uma preocupação central da humanidade; a origem das pedras, dos animais, das plantas, dos planetas, das estrelas e de nós mesmos (STEINER, 2006). Dentre as experiências, evidenciou-se a preocupação sobre a origem do Universo e dos seres.

	<p><i>“Eu fiz esse desenho como uma forma simbólica de representar o que gosto, que são os dinossauros e o universo. E tem um significado que é para demonstrar que como as criancinhas gostam dos dinossauros por serem grandes, a gente vai crescendo e conhecendo coisas novas. E o que conheci justamente foi o universo, e descobri que também era grande”.</i></p> <p><i>Fernando. 19 anos. Turma 2010.1.</i></p>
---	---

Este assunto foi tema de várias discussões em civilizações e culturas, atribuindo a elas valores diferentes, mas em todas nunca se deixou de lado uma influência religiosa, mitológica ou filosófica. Além destas, é importante destacar a ciência, que com seus métodos, tenta sanar muitas das respostas aos fenômenos pertinentes ao planeta e fora dele.

As narrativas e as Imagens de Natureza expressaram uma busca pela Natureza maior, aquela que abraça todas as outras Naturezas, ou que seja a referência primordial

daquilo que ela representa. As apresentações foram representadas através de desenhos e fotos, que simbolizavam o sistema solar, estrelas, principalmente o pôr do Sol, astro que a tantos símbolos agrega, desde a força, fluxo de energia, o fogo e o recomeço de uma jornada de vida, que segue um ciclo, e que só terá fim quando esta estrela deixar de brilhar.


O sentimentalismo foi atribuído diretamente ao Astro Rei e ao mar, trazendo em si uma mescla de pensamentos, que perpassam pela percepção divina, de um Ser superior, onipotente e onipresente. Em outros casos destacou-se o Universo como um grande sistema vivo. Essas formas de ver e sentir a natureza transcendem a atmosfera, o sistema solar, instigam a curiosidade, abraçam um todo, tudo é Natureza e os seres humanos nada mais são do que articuladores passageiros em um sistema maior.

6. *O paraíso é a natureza selvagem*

Além da necessidade crescente do retorno à natureza através do ambiente rural, outro meio utilizado para este objetivo é a busca pela natureza selvagem. A persistência da noção de um mundo natural, selvagem, não tocado, tem força considerável, sobretudo entre populações urbanas e industriais que perderam, em grande parte, o contato cotidiano e de trabalho com o meio rural (DIEGUES, 2001, p. 157).

A natureza selvagem apresenta uma construção simbólica que transgride o ruralismo, pois a noção do selvagem remete à percepção da não interferência humana neste ambiente e isto faz com que seja cobiçado por aqueles que obcecadamente objetivam estar integrados a ele. Além da não interferência, outra tendência intrínseca ao ser humano é a percepção do que estes ambientes possam simbolicamente representar. Como exemplo, temos no período de descobrimentos, no qual, além da busca incansável pelo El Dourado e a fonte da juventude, se vislumbrava encontrar o Paraíso escondido, e enfim, se aproximar de Deus.


Atualmente essas áreas naturais ao longo do planeta são escassas, mas toda a simbologia por traz da natureza selvagem ainda é presente e, aliás, tendenciosa. A humanidade encontrou a forma moderna de apreciar o selvagem, através dos parques nacionais. Estes locais facilitaram muito a vida dos admiradores da natureza, principalmente os cidadãos que, exaustos de uma semana de trabalho, vão para estes locais em busca de da beleza natural, ar puro, paz e renovação de energias.

	<p><i>Pra mim esse lugar é fantástico, é um paraíso. É o lugar da minha família, onde a gente encontra paz, que a gente se reúne e passa nosso tempo de lazer, fora que aqui é um lugar que tem o mar, que é tipo o local onde se recarrega as energias. Toda vez que estou estressada vou para esse lugar e me sinto motivada.</i></p> <p><i>Pâmela. 25 anos. Turma 2010.2.</i></p>
---	--

As apresentações das Imagens de Natureza transmitem bem a simbologia característica de gerações.

7. A Arquitetura divina formando a natureza perfeita VS. Arquiteto homem criando e reformando naturezas

A nossa capacidade em associar à natureza aspectos sobrenaturais é presente em várias culturas espalhadas pelo mundo. As grandes áreas de florestas, rios, o mar e as montanhas são considerados locais onde o sublime divino está presente e a disposição e admiração de todos.

	<p><i>Essa é uma cachoeira das que eu acho mais bonita, e foi a primeira impressão que eu tive de quão bonita e perfeita é a natureza, e parece que como uma arquitetura divina!</i></p> <p><i>Lara. 19 anos. Turma 2010.2.</i></p>
---	---

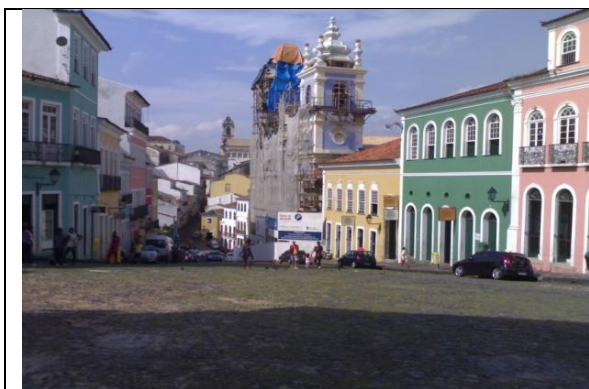
A crença de que estes locais eram pontes para o divino se estendeu por gerações, e essa organização cosmológica definiu o modo como as pessoas se organizariam em seus espaços. Com o avançar das comunidades e das tecnologias, o homem então se dispôs a usar e abusar da sua engenhosidade, desafiando a até então pura e divina natureza.

Os egípcios são um exemplo clássico de inovação em recursos tecnológicos, construído a primeira represa para armazenar água, em 2.900 a. C. pelo faraó Menes, destacando que os assírios já haviam construído uma em 1.300 a. C. As construções, além de representar a superioridade de um líder, simbolizar a vitória sobre a natureza, adquiriam um aspecto de divindade, devido a sua grandiosidade, inovação e atribuições

sobrenaturais. Ainda nesta comunidade podemos lembrar-nos do papel das Pirâmides e suas variadas implicações sociais, culturais e religiosas. Remetendo à modernidade, tomemos como exemplo a Torre Eiffel, monumento da cidade de Paris, França, marcou época ao ser símbolo da dominação do homem sobre as estruturas de metal além de celebrar a Revolução Francesa (1789).

Numerosos são os exemplos e variadas são as simbologias e atribuições sobre estes monumentos. Porém, todos têm algo em comum, cultuar as revoluções humanas, sejam elas através de descobrimentos tecnológicos, dominação e veneração sobre uma divindade.

Outra coisa elas tem em comum: as construções humanas não têm a capacidade singular de renovação estrutural que a natureza apresenta.



Eu trouxe essa imagem do Pelourinho, e o fato que mais me atentei foi a reforma da Igreja. As construções humanas têm sempre que estar sendo reformadas para manterem seu brilho.

Maria. 19 anos. Turma 2010.2.

A Natureza, como ser vivo, as florestas, renovam-se sobre os mais diversos desastres, realizam sua auto-manutenção e sustentam as vidas existentes em nosso planeta, enquanto as maravilhas humanas, ao não receberem manutenção periódica, ao longo do tempo tornar-se-ão poeira, pedregulhos, metal enferrujado, enfim, só ficarão vestígios de suas existências.

É relevante destacar que sendo a natureza “natural” ou a humana, são ricos símbolos que compõem a história e a cultura de um povo que então compartilha de um sentimento comum, representam fatos intimamente relacionados ao homem e cultuam diferentes formas de se perceber não só a natureza, o seu meio, mas o mundo.

8. *Tal é a natureza que nos faz tomar decisões mais acertadas*

Quando eu fiz esse videozinho no Oceanário, ele não me marcou tanto, mas pouco antes do vestibular, quando eu revi este vídeo, foi uma época que eu estava em dúvida se eu queria mesmo Biologia. Quando eu revi o vídeo eu falei: não, poxa, é isso mesmo que eu quero. (Luan. 18 anos. Turma 2010.1).

Os fenômenos da natureza e o comportamento animal influenciam culturas ao redor do mundo, e através destes sinais o homem sempre buscou interpretá-los de acordo com suas crenças e costumes, sendo então considerados bons ou maus presságios, dependendo de cada percepção. As necessidades em conhecer o futuro e as ações da natureza são até hoje característico de nossa sociedade, mas, diferentemente das gerações passadas, contamos com o auxílio das tecnologias modernas.

Na Idade Média o homem se baseava nas estações do ano para realizar seu plantio e colheita, além de organizar o calendário. Os pescadores baseavam-se, e ainda se baseiam, nas fases da lua, e até casamentos e festividades eram realizados de acordo com algum fenômeno natural. Esses costumes se perpetuaram e ainda influenciam muitas pessoas supersticiosas no momento de tomada de decisões importantes.

Os discursos claramente mostravam o potencial simbólico que homem atribui à natureza e consequentemente, o resultado perceptivo assume o papel de influenciar na escolha do caminho que se quer percorrer durante a jornada de vida, onde a crença na magia, como a crença no milagre, nasce da visão de um universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos (ALVES, 1996, p.14).

Conclusão

No caminho de produção da pesquisa pode-se perceber a amplitude de imagens e narrativas, para então ultrapassar a corrente ideia de “natureza verde”. Estas e outras formas de perceber a natureza foram de fundamental importância para a construção de conhecimento para todos os participantes da pesquisa. Não só para servirem de exemplo para assuntos filosóficos, históricos e sociais, mas permitiram entender os diversificados significados da produção e divulgação de imagens da Natureza.

Através das imagens da Natureza pode-se perceber o mundo de forma sistêmica e sua importância para esses futuros formadores de opinião, para compreender, através de uma análise crítica dos fatos, o repertório da humanidade até o ponto em que chegamos. As imagens então foram utilizadas para perpetuar a construção de símbolos e valorizar esta construção para a manutenção da cultura e das experiências, entendendo então às fronteiras existentes entre ambas e os aspectos que às mantiveram vivas até aqui. A Natureza deve ser entendida como um patrimônio histórico, cultural e simbólico do planeta.

Desta forma foi possível entender os principais referenciais historicamente constituídos em torno da relação entre natureza e cultura, na tentativa de relativizar

fronteiras, que progressivamente vem se tornando mais fluidas, principalmente a partir da inserção da problemática ambiental e o papel das mídias de massa, que atingem contornos mais amplos, englobando discussões tanto das ciências naturais quanto humanas.

Que as imagens, sejam elas pictóricas, fílmicas e tantas outras, possam ser utilizadas como importantes recursos de ensino e de pesquisa, e que seja possível uma construção coletiva de um mosaico de imagens da natureza, no intuito de elevar os estudantes ao *status* de produtores de imagens, que os auxiliaram na construção de uma narrativa sobre a natureza.

Os estudantes foram estimulados a produzir uma narrativa coletiva sobre a natureza, que certamente os possibilitou uma reflexão sobre os sentidos de natureza que se (re)constroem e/ou se (re)produzem no contexto da contemporaneidade, reflexão esta fundamental para sua formação profissional.

Utilizar às imagens para perpetuar a construção de símbolos realmente é importante para a manutenção da cultura e das experiências, entendendo então às fronteiras existentes entre ambas e os aspectos que às mantiveram vivas até aqui. Enfim, a natureza é um patrimônio do planeta, às construções do conceito de natureza e as percepções e construções simbólicas são uma dádiva humana, mas a dependência dos seus recursos está totalmente interligada a todos os seres que habitam a Terra.

Recorrendo a imagens fotográficas, pictóricas e fílmicas, como importantes recursos de ensino e de pesquisa, foi possível uma construção coletiva de um mosaico de imagens da natureza, no intuito de elevar os estudantes ao *status* de produtores de imagens, que os auxiliaram na construção de uma narrativa sobre a natureza.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: Introdução ao Jogo e Suas Regras**. 2. ed. São Paulo, SP: Ars Poética, 1996.
- BARBIER, R. A pesquisa-ação na instituição educativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 280p
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. 19. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 1998.
- CARVALHO, Marcos de. **O Que é Natureza**. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. 1. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990. (Coleção Cinema II).
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2001.

GOMES, Alfredo Macêdo. **Imaginário social da seca, suas implicações para a mudança social**. Recife: Massangana, 1998.

KONRAD, Lorenz. **Civilização e Pecado: Os oito erros capitais do homem moderno**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. (Coleção Veja-4).

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente; contra o desperdício da experiência**. 4. ed. São Paulo, SP, Cortez, 2002. (Volume I).

STEINER, João E. **A origem do universo**. Estudos Avançados. vol. 20 no. 58. São Paulo Set./Dez. 2006.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1989.

ULPIANO, T. Bezerra de Meneses. **Fontes visuais, cultura visual, História visual**. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 23, nº 45, p. 11-36. 2003

YI-FU, Tuan. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo, SP: Difel, 1980.